

A importância do processo na gestão das empresas

A recomendação de bancos de investimento norte-americanos aos seus clientes para diminuir as aplicações em títulos do Brasil, alegando que o crescimento de Lula nas pesquisas gera insegurança ao mercado, provoca a seguinte questão: qual é o melhor candidato para os empresários?

A cada eleição, os veículos de comunicação especulam sobre apoio e rejeição dos empresários a determinados candidatos. A participação empresarial no processo eleitoral é bastante importante pelo poder deste setor na sociedade. Todos sabemos da relevância dos apoios financeiros na campanha eleitoral e da capacidade de formar opinião pública exercida pelos meios de comunicação que, em sua quase totalidade, estão nas mãos da iniciativa privada. Pelo acesso que têm à mídia, aos seus funcionários, à comunidade, aos clientes e fornecedores, os empresários conseguem influenciar uma parcela significativa do eleitorado.

As empresas são atores sociais poderosos e com grande capacidade de impulsionar o aprimoramento das relações políticas no País. Se houver uma participação empresarial responsável, baseada em valores éticos, é razoável esperar que sejam eleitos mais candidatos comprometidos com esses valores. Certamente, a participação socialmente responsável nas eleições é só um dos passos que cabe às empresas. No cotidiano, também é preciso fortalecer a postura de responsabilidade. As empresas podem ajudar a sociedade a coibir a corrupção e a cobrar dos eleitos a efetivação de políticas públicas capazes de efetivar os direitos básicos de cidadania.

Cada indivíduo assume diversos papéis referentes às suas atividades e relações, por exemplo: o papel do cidadão, do profissional, do familiar e do social. São estabelecidas, inclusive, uma escala de prioridades, subordinando determinados papéis a outros.

Vamos supor que o empresário coloca seu papel de cidadão em primeiro lugar. Ele se considera um cidadão que exerce a atividade empresarial. Qual deveria ser o seu candidato? Este cidadão vive num país que possui a quarta pior distribuição de renda e uma das piores concentrações de terra no mundo – 69º colocado no Índice de Desenvolvimento Humano da ONU, o 89º colocado em mortalidade infantil no relatório anual da Unicef, num país de 50 milhões de analfabetos e 30 milhões de miseráveis, num país onde os serviços públicos estão tão deteriorados que nem ele, sua família e seus pares os usam. Não é por acaso que vive num país com explosivos indicadores de violência e abalado por revelações quase diárias de corrupção e malversação dos

recursos públicos.

Certamente este cidadão apoiaria e votaria no candidato que, no seu julgamento, estaria mais comprometido com a distribuição de renda, a reforma agrária, com as questões sociais, a defesa dos direitos humanos e o combate à corrupção.

Vamos supor agora que o empreendedor coloca em primeiro lugar sua atividade empresarial, subordinando seus outros papéis a esta atividade (aliás esta é uma situação freqüente que coloca em risco a vida familiar, social, cultural e comunitária do empresário). Nesta situação, o empresário apoiaria o candidato que mais beneficiaria seu negócio, pois sabe da importância do desenvolvimento econômico e do crescimento da renda das pessoas para seu sucesso empresarial. Este empresário também sabe que a violência, a mão-de-obra desqualificada, os serviços públicos de baixa qualidade, os juros altos, a carga tributária que onera a produção e a corrupção são custos enormes que prejudicam a sua atividade. Certamente, ele dará apoio ao candidato mais comprometido com o crescimento econômico, com a geração de empregos e a distribuição de renda que colocam mais consumidores, e com renda maior no mercado, com a melhoria dos serviços públicos, com o combate à corrupção e com uma reforma fiscal e tributária que distribui melhor a carga e desonera a produção.

Isso sem falar do empresário preocupado com a segurança e a qualidade de vida de sua família e com o futuro de seus filhos. Ele sabe que a violência é fruto da fratura social, da corrupção e dos serviços públicos deteriorados. Gostaria que seus filhos continuassem no Brasil e vivessem num país próspero, ético e justo. Sentem na própria pele a angústia crescente de sua família e certamente apoiariam um candidato que representasse uma nova esperança para o Brasil.

Muitos empresários se declaram apolíticos (como se isso fosse possível, pois o ser humano, pela natureza, é essencialmente político) e apartidários. A consolidação da democracia, essencial para a construção de uma sociedade próspera, socialmente justa e ambientalmente sustentável, depende do fortalecimento dos partidos políticos e da participação política de todos os cidadãos. Os empresários deveriam colocar seu talento, seus conhecimentos e espírito empreendedor a serviço da democracia participando da vida política e contribuindo com o partido político de sua preferência. Não deveriam ter receio de se expor, pois estariam dando a muita gente um exemplo de cidadania pelo seu comportamento.

O empresário que privilegia sua condição de cidadão ou o cidadão que privilegia sua

www.nossasaopaulo.org.br e www.cidadessustentaveis.org.br

**RE
D
E** NOSSA
SAOPAU
LO



PROGRAMA
CIDADES
SUSTENTÁVEIS

condição de empresário deveria fazer uma profunda reflexão e apoiar aquele que melhor possa atender aos interesses do País e de sua empresa, de sua empresa e do País, na ordem de prioridades que achar a mais correta.

Buscando contribuir para o debate sobre o papel das empresas no processo eleitoral, o Instituto Ethos, em parceria com a Fiesp/Ciesp e o Yáziqi Internexus, lançou recentemente publicação *A Responsabilidade Social da Empresas no Processo Eleitoral*, que apresenta alguns princípios para a reflexão das empresas que procuram adotar práticas e políticas socialmente responsáveis. Eles apontam, além da rigorosa obediência à legislação, a necessidade da contribuição financeira das empresas para candidatos e partidos estar desvinculada de qualquer expectativa de retorno econômico e comercial. Com uma atitude ética e transparente no apoio a partidos e candidatos, as empresas dão o exemplo e podem se transformar em escolas de cidadania para clientes, fornecedores, empregados e para a comunidade onde atua.

Oded Grajew

